

## A LUTA PELA RECUPERAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS GUARANI E KAIOWÁ E A PARTICIPAÇÃO DOS ÑANDERU E DAS ÑANDESY

Elemir Soare Martins\*

Rosa Sebastiana Colman\*\*

© INSTITUTO DE INVESTIGACIONES ANTROPOLÓGICAS DE CASTILLA Y LEÓN, Salamanca | 2017.

**Resumo:** Este artigo centra-se em descrever a participação das lideranças tradicionais, os Ñanderu (nosso pai) e as Ñandesy (nossa mãe) no movimento político contemporâneo dos povos indígenas Guarani e Kaiowá pela recuperação e demarcação das terras indígenas tradicionais no Mato Grosso do Sul. É notável a atuação das lideranças religiosas Kaiowá e Guarani na luta pela terra, a presença da dança, do canto e dos rituais no cotidiano de sua vida e nos processos que envolvem a recuperação de territórios tradicionais. Entendemos que, para os Guarani, uma das funções dos Ñanderu e das Ñandesy e seus auxiliares é a realização e coordenação dos rituais religiosos para convocar e envolver os deuses protetores do cosmos na recuperação territorial. O trabalho discute a importância dessas lideranças na valorização da memória na luta dos povos indígenas: da língua, das crenças, das práticas culturais de solidariedade e de apoio mútuo entre as lideranças tradicionais e lideranças políticas. As iniciativas e os rituais religiosos coordenados pelos Ñanderu e Ñandesy possibilitam a aproximação e a união dos Guarani e Kaiowá que estão na luta pela terra. Além de pesquisa bibliográfica e documental, o estudo inclui pesquisa de campo e relatos de autores envolvidos no processo de reocupação de suas terras. Pretendemos demonstrar como essa aproximação vem ocorrendo, principalmente no processo de reocupação da terra indígena Yvy Katu no município de Japorã e Pindo Roky no município de Caarapó, ambos no Mato Grosso do Sul. Indicações iniciais permitem concluir que as lideranças religiosas são portadoras de uma percepção sobremaneira sensível no que se refere à relevância da recuperação desses espaços para a continuidade de suas próprias práticas religiosas e seu modo de ser Guarani e Kaiowá.

**Palavras-chave:** Religião indígena, Guarani e Kaiowá; xamanismo; Retomada dos tekoha

**Resumen:** Este artículo se centra en describir la participación de los líderes tradicionales, los Ñanderu (nuestro padre) y Ñandesy (nuestra madre) en el movimiento político contemporáneo de los pueblos indígenas Guarani y Kaiowá por la recuperación y demarcación de las tierras indígenas tradicionales en Mato Grosso del Sur. Es notable la actuación de los líderes religiosos Kaiowá y Guarani en la lucha por la tierra, la presencia de la danza, del canto y de los rituales en el cotidiano de su vida y en los procesos que envuelven la recuperación de los territorios tradicionales. Entendemos que, para los Guarani, una de las funciones de los ñanderu y de las ñandesy y sus auxiliares es la realización y coordinación de los rituales religiosos para convocar y envolver los dioses protectores del cosmos en la recuperación territorial. El trabajo discute la importancia de esos líderes en la valorización de la memoria en la lucha de los pueblos indígenas: de la lengua, de las creencias, de las prácticas culturales de solidaridad y de apoyo mutuo entre los líderes tradicionales y líderes políticos. Las iniciativas y los rituales religiosos coordinados por los Ñanderu y Ñandesy posibilitan la aproximación y la unión de los Guarani y Kaiowá que están en la lucha por la tierra. Más allá de la investigación bibliográfica y documental, el estudio incluye investigación de campo y relatos de autores envueltos en el proceso de reocupación de sus tierras. Pretendemos demostrar como esa aproximación viene ocurriendo, principalmente en el proceso de reocupación de la tierra indígena Yvy Katu en el municipio de Japorã y en Pindo Roky en el municipio de Caarapó, ambos en Mato Grosso del Sul. Indicaciones iniciales permiten concluir que los líderes religiosos son portadoras de una percepción de sobre manera sensible en lo que se refiere a la relevancia de la recuperación de esos espacios para la continuidad de sus propias prácticas religiosas y su modo de ser Guarani y Kaiowá.

**Palabras-clave:** Religión indígena, Guarani e Kaiowá; Chamanismo; Retomada de los tekoha.

\* Ava Guarani Ñandeva. Acadêmico do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu da área de Ciências Humanas, turma 2012, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Pesquisador do Observatório da Educação Escolar Indígena. E-mail: [elemirmartins@hotmail.com](mailto:elemirmartins@hotmail.com)

\*\*Docente no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu da área de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Email: [rosacolman01@yahoo.com.br](mailto:rosacolman01@yahoo.com.br)

## 1. INTRODUÇÃO

O último censo demográfico, ocorrido em 2010, indicou uma população de 896.917 indígenas no Brasil. Mato Grosso do Sul concentra a segunda maior população indígena aldeada do Brasil, perdendo apenas para o estado do Amazonas, com 77.025 indígenas distribuídos nas seguintes etnias: Guarani e Kaiowá, Terena, Kadiwéu, Guató, Ofaié, Kinikinau, Kamba e Atikun. Os Kaiowá e Guarani no Brasil somavam, em 2010, 67.523 e no Mato Grosso do Sul eram 43.556 (Censo Demográfico, IBGE, 2010).

Os Kaiowá e Guarani ocupavam um amplo território ao sul do Estado de Mato Grosso do Sul, situado entre o rio Apa, Serra de Maracaju, os rios Brilhante, Ivinhema, Paraná, Iguatemi e a fronteira com o Paraguai. Ocupavam, especialmente, áreas de mata, ao longo dos córregos e rios, em pequenos núcleos populacionais, integrados por uma, duas ou mais famílias extensas, tendo à frente os chefes de família, os mais velhos, denominados de Tekoharuvicha ou Ñanderu (nosso pai). Os Ñanderu são aqui considerados os líderes religiosos, que são, também, identificados como caciques ou rezadores. Cabe-lhes atribuições na esfera religiosa, e as Ñandesy, nossa mãe, são as rezadoras. No presente texto, essas expressões incluem todas aquelas pessoas iniciadas nas práticas rituais e dirigentes de grupos de reza. Entre os Guarani são chamados de Oporaiva. Estas podem, ainda, ser denominadas, genericamente, de caciques ou rezadores, sendo estes os termos mais recorrentes nas falas dos indígenas.

A aldeia kaiowá e guarani era composta por um complexo de casas, roças e mata que manteve, historicamente, características muito semelhantes, especialmente no que se refere à distribuição e organização sócio-econômica-política-religiosa. Esses núcleos familiares eram relativamente autônomos, caracterizando-se pela mobilidade que, ao mesmo tempo em que se constituía como estratégia de manejo ambiental, evitando o esgotamento dos recursos naturais, era, também, importante recurso para a superação de conflitos decorrentes, entre outras causas, de acusações de feitiço e disputas políticas.

Os processos de retomada das terras tradicionais são as iniciativas dos Kaiowá e

Guarani para recuperarem parcelas de seu território tradicional hoje em mãos de não-indios. Expressa, portanto, a ideia de tomar posse novamente do que já lhes pertenceu. Este processo de retomada deve ser visto e situado no contexto mais amplo do que estava acontecendo a nível nacional e na América Latina, a partir da década de 1970 e 1980. Nesse período, os Kaiowá e Guarani iniciam, no Mato Grosso do Sul, um movimento de retomada das terras tradicionais de onde foram expulsos no decorrer do processo de colonização. Nesse sentido, Brand (2000:116) conclui que a partir de 1980 se inicia um movimento aparentemente contraditório: “Ao mesmo tempo em que ocorreu a radicalização do confinamento e o simultâneo crescimento da taxa de suicídios, verifica-se também o início da quebra desse mesmo processo histórico de confinamento, mediante a reocupação de aldeias perdidas”.

Esses processos de saídas para retomarem ou entrarem para as terras tradicionais perdidas têm sido determinados, também, a partir de uma crescente situação de conflito nas reservas superlotadas. A retomada acaba sendo de certa forma resultado da explosão populacional.

Os Kaiowá e Guarani, através da organização e da luta das lideranças, principalmente, nas Aty Guasu (Grande Assembleia) - uma forma de organização das lideranças kaiowá e guarani, com o apoio de entidades como PKN (Projeto Kaiowá Ñandeva), CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e, posteriormente, com o amparo da própria Constituição de 1988, que, aliás, foi fruto e conquista dos movimentos sociais, inclusive indígenas, recuperam áreas importantes e maiores (COLMAN, 2007, BENITES, 2014).

No Mato Grosso do Sul, são mais de 30 áreas ocupadas pelos Kaiowá e Guarani, atingindo uma área total inferior a 40 mil ha. Além das oito reservas, há 22 áreas retomadas a partir do final de 1970, algumas já demarcadas, outras em processo de demarcação ou de identificação e a situação, em algumas, é de conflito com os fazendeiros, que se dizem os atuais proprietários das terras indígenas. Há, também, os casos de moradores em beira de estrada, reivindicando sua terra tradicional. Há, ainda, famílias que permanecem nas reservas, mas que aguardam o momento oportuno para

retomarem suas áreas tradicionais.

A luta pela terra e o significado de território para os Kaiowá e Guarani pode ser compreendido a partir da definição de Tekoha para Melià (2008: 9): “ La territorialidad es la base del tekoha, esa tierra que pisamos, en la que vivimos y de la que vivimos. 'Sin tekoha no hay teko', había escrito alguna vez. Pero sin teko tampoco será posible mantener a la larga el tekoha”. Desta forma, o território é imprescindível para a manutenção do modo de ser kaiowá e guarani e o modo de ser também que mantém o território kaiowá e guarani. São interligados e interdependentes, um motiva o outro.

## 2.A ATUAÇÃO DAS LIDERANÇAS TRADICIONAIS E DAS LIDERANÇAS POLÍTICAS

Desde meados de 1970, as lideranças tradicionais começaram a participar do movimento da resistência kaiowá e guarani no contexto de luta pela retomada de suas terras tradicionais. Para os Kaiowá e Guarani, as práticas de rituais das lideranças espirituais e religiosas tradicionais Ñanderu e Ñandesy e seus auxiliares são imprescindíveis para manter a religião indígena viva e assim para fortalecer sua identidade. Além dessas práticas serem a maneira como se busca apoio espiritual ou a aproximação com as divindades.

Os rituais como práticas religiosas, sempre foram praticados pelos Kaiowá e Guarani, contudo percebemos que os Ñanderu e Ñandesy passam a assumir diferentes funções a partir da colonização e da formação do Estado Nacional.

Nas disputas territoriais, os Kaiowá e Guarani encontram ânimo para o enfrentamento com os fazendeiros a partir da compreensão de que a conquista da terra é um investimento na aproximação com as divindades e na retomada do território tradicional ou morada antiga. A compreensão é que o Ñanderu, a partir da reza que ele faz, tendo contato com a divindade, recebe força e proteção dos seres sobrenaturais.

Desde então o papel dos Ñanderu e das Ñandesy é fundamental em qualquer movimento das reivindicações dos direitos indígenas. As rezas são determinantes para convocar e envolver o Grande Deus na organização do movimento de luta, protegendo, dando a melhor estratégia para

ir à busca de suas necessidades.

Os Ñanderu e as Ñandesy são pessoas fundamentais para a comunidade kaiowá e guarani, essas pessoas mantêm uma relação suficientemente próxima com as divindades. As rezas têm poder, por exemplo, sobre as plantas cultivadas: arroz, milho, batata, feijão, mandioca, garantindo seu crescimento rápido e livre do ataque de pragas e doenças. Antes de plantar, o agricultor kaiowá e guarani prepara a terra para plantio e, depois chama o rezador para fazer rezas e benzer as plantas.

A importância e as funções dos rezadores nas comunidades indígenas estão sempre relacionadas aos saberes sobre: plantas medicinais, rezas, benzimentos, práticas agrícolas, arte, pintura, etc. Portanto, a figura do rezador assume o papel de líder espiritual, recebe dos deuses a sabedoria para ensinar, resolver os problemas e dom para curar. Para que isso seja possível, os rezadores afirmaram que é necessário seguir as regras que foram ensinadas a eles durante a formação para ser rezador. Segundo um interlocutor “é fundamental que nós rezadores continuemos seguindo as regras que foram passadas para nós durante a nossa formação para ser cacique” (Ava Vera Rendy, 70 anos, Amambai, 2012). Percebemos, através dessa fala, que, mesmo durante a sua formação, um futuro rezador já possui um papel de liderança na comunidade (MARTINS, 2015).

As atuações das lideranças espirituais e religiosas tradicionais sempre foram importantes para o desenvolvimento social dentro das aldeias. Na cosmologia kaiowá e guarani, a reza protege a família para que as pessoas de má conduta não manipulem o povo kaiowá e guarani, a fim de ter mais certeza que poderá ter suas terras recuperadas (PEREIRA, 2004: 366).

A partir das décadas de 1940 e 1970 iniciou um período de expulsão e dispersão das famílias indígenas kaiowá e guarani de seus territórios. Essa nova “situação histórica” é marcada tanto pelo fim do monopólio da Cia. Matte-Laranjeira quanto pelo aumento do loteamento da região, que é quando se abre a região para a instalação de inúmeras fazendas privadas sobre os territórios kaiowá e guarani (BRAND, 1997).

Desde o ano de 1915 quando as primeiras reservas indígenas no atual Estado de Mato Grosso do Sul foram instituídas pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), os Kaiowá e Guarani

passaram a sofrer um processo de redução de seus territórios tradicionais. O SPI, desconhecendo o modo de viver dos Kaiowá e Guarani e o modo de ocupar os seus territórios, instituiu entre 1915 e 1928 oito minúsculas Reservas. A área máxima prevista era de 3.600 hectares, entretanto, na maioria dos casos a área demarcada foi ainda menor (BRAND, 1993; 1997).

Na ótica de Benites (2009), o SPI, ao instituir as oito Reservas aos indígenas, impôs um ordenamento militar, educação escolar, assistência sanitária e favoreceu as atividades das missões evangélicas que se instalavam na região. Os funcionários do SPI e outros colonizadores não se conformavam com o modo de ser dos kaiowá e guarani, principalmente o de ocupação espacial livre. Foi preciso concentrar os indígenas nessas áreas para possibilitar a expropriação de seus territórios.

Neste contexto, os territórios indígenas passaram a ser considerados como “terra devoluta” e “terra vazia” e, por isso, se tornaram objeto legal de comércio. Para o Estado, as oito Reservas Indígenas criadas pelo SPI eram consideradas como os únicos espaços oficiais destinados aos Kaiowá e Guarani (BRAND, 1997; BENITES, 2009, 2014).

Ao se verem diante da perda da autonomia e do confinamento que os Kaiowá e Guarani sofreram no início do século XX, devido à criação das Reservas, muitas lideranças não ficaram paradas assistindo à expulsão e dispersão das famílias indígenas. Pelo contrário, muitas famílias começaram a resistir, reagrupando os parentes que estavam dispersos nas Reservas para voltar ao seu antigo tekoha. O reagrupamento das famílias foi muito complexo, porque a destruição dos tekoha ocasionou uma série de prejuízos sociais para os grupos, como no caso da dispersão de famílias que, espalhadas, começaram a ocupar diferentes espaços. Essa dispersão é denominada como esparramo (BRAND, 1997, COLMAN, 2015).

A nova realidade enfrentada pelas famílias preocupou as lideranças tradicionais, que começaram a articular os demais rezadores para estabelecer quais seriam as melhores estratégias a adotar, e pedindo ao Grande Deus a orientação para conseguir reagrupar de novo as pessoas do grupo para que tenha mais força espiritual, assim preparar a cerimônia pedindo a proteção divina na jornada difícil de retorno ao

antigo tekoha. Sendo assim, os Ñanderu e as Ñandesy, passaram a mobilizar pessoas comprometidas e com objetivos comuns. O agrupamento das famílias foi iniciativa dos anciãos e rezadores que sempre estiveram preocupados sobre a desestruturação da cultura e nunca aceitaram a imposição da cultura ocidental e não se conformavam com a perda dos seus tekoha.

Em cada Reserva, o capitão (figura imposta a partir da criação das reservas) enquanto liderança, passou a representar vários grupos de famílias, diferentemente da liderança tradicional em que o Ñanderu e a Ñandesy representavam apenas o seu grupo familiar. Assim, essa nova constituição da figura do capitão enquanto liderança ocasionou conflitos nas Reservas. Espera-se que o capitão possa manter uma relação próxima ao Ñanderu e a Ñandesy, o que não ocorre frente às diferentes posições desses sujeitos. Assim, o desafio está no fato da liderança política estar distante das lideranças tradicionais, pois geralmente, nas Reservas, não há muito diálogo entre eles. Por isso, dificulta-se a atuação deles.

Espero que os que vão liderar ou representar a comunidade agora ou futuramente ouçam-nos, nos procure e consiga colocar a sabedoria que iremos passar a eles para saber resolver quaisquer problemas e vencer desafios através da nossa reza. A nossa preocupação é exatamente isso por estar distante um do outro. Portanto, precisamos estar em constante diálogo, até porque no desafio que a comunidade indígena se encontra nos dias atuais é fundamental a união para saber qual caminho seguir, qualquer decisão tem que partir do coletivo com a orientação dos ñanderu. Só nós sabemos através das rezas qual decisão a tomar e orientar o capitão (Ñanderu Florencio Barbosa, 83 anos, tekoha Te'yikue, 2012).

A partir do relato desse Ñanderu observamos a necessidade de ter o diálogo e a aproximação entre as lideranças políticas e religiosas nas comunidades indígenas. Nesta afirmação percebe-se o quanto eles são importantes em qualquer situação nos tekoha. Por exemplo, nas escolhas dos candidatos para ser Capitão na aldeia, é preciso que eles estejam presentes para benzer, orientar e dar sua posição de como um grande líder pode seguir e representar sua comunidade. Ele defende também que a comunidade não pode se

distanciar da coletividade. Segundo ele, é muito importante que o grupo esteja fortalecido para enfrentar os desafios nas aldeias (MARTINS, 2015). Nesse sentido, Pereira (2004) também argumenta sobre a necessidade de futuros líderes terem uma postura próxima aos líderes já reconhecidos.

Na organização política dos kaiowá, os aspirantes às posições de prestígio associadas aos cargos de chefia política e religiosa, devem se inspirar na conduta dos grandes líderes e seguir o exemplo deixado pelos que tiveram êxito como iniciadores capazes de fazer as coisas surgirem ou erguerem-se. Isto é feito combinando conhecimento e habilidade sobre como conduzir as relações entre as pessoas e como conseguir os auspícios favoráveis dos jara e divindades (PEREIRA, 2004: 303).

Por fim, este cenário atual que os Kaiowá e Guarani se encontram para retomar seus tekoha e demais ações das comunidades oferecem cenários favoráveis ao surgimento de grandes lideranças ou lideranças de maior expressão. Entretanto, essas lideranças conduzem suas comunidades tendo à frente o desafio imposto pelos fazendeiros e Estado. Mas, para que isso seja possível, a comunidade sempre cobra que as lideranças se inspirem na tradição, na orientação dos rezadores ou lideranças tradicionais e na conduta dos grandes líderes do “tempo antigo”. Para que seja um líder que faça diferença, seja mediativo, propositivo, distinguindo-se pela coragem pela criatividade capaz de levantar-se e tomar iniciativas.

### **3. A ATUAÇÃO DAS LIDERANÇAS RELIGIOSAS NOS PROCESSOS DE LUTA PELA TERRA**

Verifica-se a presença marcante dos Ñanderu e das Ñandesy em todas as retomadas, sempre desempenhando um papel importante neste movimento de luta pela terra. A atuação decisiva dos líderes religiosos kaiowá e guarani, quando se trata da defesa dos territórios de ocupação tradicional, é fato amplamente registrado desde o período colonial. As lideranças religiosas estavam sempre à frente dos movimentos de contestação do projeto colonial (BRAND, 1997).

Pereira (1999:189) avalia que “a existência do tekoha depende diretamente da presença dos líderes religiosos e políticos com

reconhecida habilidade para reunir pessoas”. Tradicionalmente, os caciques exerciam liderança política e religiosa, simultaneamente. Era em torno deles que se agrupava a “parentela”, pois, segundo a cosmologia guarani, o cacique é o responsável pelo equilíbrio na relação das pessoas com o sobrenatural, tão importante para a manutenção da vida na terra. Por isso, era responsável pelas festas, pelos rituais, pelo batismo de crianças e sementes, pelo repasse dos mitos e pelos aconselhamentos. Alguns, também, eram curandeiros.

Observa-se, frequentemente, nas situações de extremo conflito, como é o caso dos processos de retomada, a atuação dos rezadores. Esta é efetiva desde a identificação, a organização do movimento de retomada, a sustentação da luta através das rezas na entrada e na permanência na área reconquistada. Isto se evidencia no texto de Martins (2006: 144), quando informa que “junto com os mais velhos” enfrentam a luta pela terra sem medo.

No caso da área de Sete Cerros, em 1973, quando esta foi retomada, consta que, depois da realização de uma reza que, como afirmam os informantes, durou seis meses, começaram a construir novamente suas casas (BRAND, 1993). Estes exemplos reforçam a percepção da importância dos caciques e indicam sua forma de pensar e organizar a vida em torno da religião. Sobre a expulsão das terras indígenas de Guaimbé e Rancho Jacaré, assim se expressa Martina Nunes, em relato colhido por Adriana da Silva: “Quando chegamos no Tarumã nós rezamos. [...] Nós viemos com porungo, com som de mbaraka, com canto”. E “nós ganhamos essa terra através da reza, não é que ganhamos com raiva. Nós ganhamos com alegria” (2005: 8).

Com relação às áreas de Rancho Jacaré e Guaimbé, Adriana da Silva (2005) também revela a importância dos rituais nas lutas pela terra:

Martina Nunes e a Ñandesy Livrada Rodrigues, ao mesmo tempo em que falavam sobre tantos sofrimentos, falavam, também, que a terra tinha sido conseguida por conta da alegria e por conta das constantes rezas que eram feitas. A resistência dos Guarani e dos Kaiowá tiveram inúmeras e variadas características, desde a afirmação de suas práticas culturais frente ao seu diálogo com agentes externos até suas alianças

internas. Tiveram, também, uma brava resistência física, tendo em vista a forma violenta e desumana como foram expulsos de seus territórios e pela forma como foram tratados durante sua estada na região de Bodoquena (2005: 8).

Para realçar o aspecto da presença constante da reza e rezadores no processo das retomadas, Adriana da Silva cita a mesma entrevista: “Acho que foi oito dias que cantou e rezou [...] sempre nós rezávamos mesmo até amanhecer, a gente era unido todos participavam até as crianças, [...] onde a gente parava a gente rezava. Por isso que voltamos aqui e ganhamos aqui” (2005: 9 e 10).

Os caciques são, também, solidários na luta pela terra de outros índios. Quando ocorre a retomada de uma área, geralmente os caciques de outras áreas vêm para fortalecer as lutas dos patrícios e ali permanecem com o grupo por muito tempo (COLMAN, 2014).

A presença dos caciques nas aldeias, atualmente, ainda é bastante significativa. Dela depende a manutenção da tradição e da vida dos Kaiowá e Guarani. Muitos informantes reclamam da ausência ou da desvalorização dos caciques em algumas áreas e atribuem os problemas vivenciados hoje à falta de atuação dos caciques. Outros, ainda, afirmam que os problemas são amenizados devido à reza dos caciques, pois, estes sustentam e equilibram o mundo com os seus 'Mbaraka' (Chocalho-instrumento de reza à base de porungo). A ampla atuação dos rezadores, desde líderes, curandeiros e até conselheiros é narrada por Sabino Benites, liderança de Yvy Katu, quando assim se refere à presença dos Ñanderu na vida do Guarani e do Kaiowá (COLMAN, 2007: 51):

Os de antigamente, era assim. Tinha assim um amontoado de 5 ou 6 famílias, de 10 famílias e isso já era muito. E se saíssem uma ou duas famílias dali, ai já, se um cacique sair dali, os outros já saíam todos atrás dele. Porque o que traz segurança, o que dava seguro para os de antigamente é o cacique, porque ele é um capitão, ele é um médico, ele é tudo, ele é um conselheiro [...] O cacique, ele, se tiver uma criança doente, ele que dá remédio, ele que benze, ele faz de tudo, em todo tipo de benzimento ele é bom. Então, se tiver alguma coisa errada, se tem gente que faz alguma coisa errada na colônia, só se vai junto ao cacique (pra pedir ajuda). Ele faz sentar o que vai se casar e faz casar, se for casado e viver mal, ou briga com algum companheiro, ele dá conselho

pra este que não é assim (Sabino Benites, 06/12/06).

Em 2013, na retomada de Pindo Roky, pudemos constatar a força que a reza tem, conforme a prática dos Ñanderu e Ñandesy e seus auxiliares. O assassinato do jovem kaiowá Denilson Barbosa, no dia 17 de fevereiro de 2013, desencadeou a ocupação da fazenda do senhor Orlandino Carneiro Gonçalves, localizada no município de Caarapó, por cerca de 200 indígenas. No dia seguinte os parentes do jovem kaiowá, assassinado nesse antigo tekoha, começaram a se mobilizar; chamando o Ñanderu mais próxima da família e as demais pessoas que pudessem ajudar para avisar os demais Ñanderu que há na Reserva Te'yikue. Começou a reocupação do tekoha com o Ñanderu e a Ñandesy coordenando os rituais. Na retomada, estiveram lideranças políticas muito importantes da Reserva e, no decorrer do dia, foram chegando lideranças de várias aldeias, porém todos esperavam as orientações das lideranças tradicionais que estavam coordenando a retomada (MARTINS, 2015).

Foi impressionante a atuação dos Ñanderu e Ñandesy nesse local, o uso da língua, quando começa a reza pedindo ao Grande Deus proteção e a orientação durante a jornada de luta. Durante a reza, os Ñanderu pediram que mandassem mais pessoas para aumentar a força de luta e para mostrar às autoridades o quanto as rezas, a cultura e a terra são importantes para os Kaiowá e Guarani e a necessidade de recuperar sua terra tradicional. Chegava muita gente durante o dia e a noite, a pessoa que chegava a esse local começava a entrar no ritual, não sentia mais timidez para acompanhar os Ñanderu.

Os jovens em geral são tímidos para aprender, conversar, e principalmente para acompanhar as rezas, danças das lideranças tradicionais. Mas, neste dia, através do poder que tem a reza, esse pensamento “modernizado” muitas vezes preconceituoso foi superado. As crianças marcaram presença durante o ritual. Havia tanta gente que um dos Ñanderu começou a formar outro grupo de reza, porque na roda em que eles estavam não cabiam mais pessoas (MARTINS, 2015).

A decisão para que os Ñanderu e as Ñandesy coordenassem esse momento de luta partiu das lideranças políticas, afirmando que a presença deles naquele local é fundamental, porque através da reza poderiam se comunicar

com Deus, pedindo orientação e força para que nenhum mal se aproximasse dos que estavam na retomada. “A nossa reza sempre teve poder e força, por isso, é incontestável, eu acredito, no final em nome do Tupã Guasu vai dar tudo certo” (Leonardo de Souza, 47 anos, Reserva Te'ýikue, fevereiro de 2013).

No entendimento das pessoas, a partir da experiência na retomada do Pindo Roky, é através das rezas da comunidade da Reserva Indígena Te'ýikue, que foi possível reunir mais pessoas na retomada, quanto mais pessoas chegavam, mais forte o grupo se sentia. A maioria das pessoas chegava já entrando na reza dos Ñanderu e das Ñandesy que coordenavam o ritual naquele local.

Percebe-se como a atuação das lideranças tradicionais é importante na retomada dos tekoha. Através da sabedoria divina, e da confiança passada pelas lideranças, que se consegue agregar as pessoas distantes, com as palavras sábias transmitem o conhecimento e aconselham as demais pessoas como devem caminhar como verdadeiro kaiowá e guarani conhecendo as rezas. Sendo assim, segundo eles, poder-se-á enfrentar quaisquer problemas, espantar o medo, enfrentar os pistoleiros dos fazendeiros.

Pindo Roky possui 89 famílias acampadas. Elas se organizam entre parentelas e sua alimentação se dá através da roça. Neste local há lideranças tradicionais que toda noite fazem rezas e também participam da igreja. Segundo a liderança política local, senhor Durecio Martins, neste local não tem desavença entre pastor da igreja e Ñanderu, por isso, segundo ele, cada um tenta fazer a sua parte com objetivo comum. O grupo sempre mantém contato com a liderança política da aldeia Te'ýikue e com as demais lideranças de outras aldeias.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutimos sobre as funções e a importância dos Ñanderu e das Ñandesy na retomada das terras indígenas no Cone Sul de Mato Grosso do Sul e percebemos que essa não é uma temática que se esgota aqui, e que deve inspirar outros trabalhos. Ressaltamos que as lideranças tradicionais já eram valorizadas pela comunidade nos tekoha antes das expulsões pelos colonizadores, eles são pessoas que mantinham e mantem proximidades com as divindades, por isso, conseguem curar os doentes através do remédio tradicional ou remédio caseiro e orientar

a família para caminhar de acordo com a orientação dos deuses, segundo a cosmologia kaiowá e guarani.

As lideranças tradicionais são imprescindíveis para manter a religião kaiowá e guarani mais viva e assim fortalecer a identidade, a língua, os conhecimentos tradicionais, porém, as Reservas representaram para os Kaiowá e Guarani o enfraquecimento da autonomia e de grandes mudanças em vários aspectos, principalmente na organização social. Desde que os indígenas foram submetidos às Reservas, iniciou-se uma caminhada difícil para manter a cultura, o jeito de ser, a língua, os cantos, as rezas, danças, os conhecimentos tradicionais em relação aos remédios tradicionais e também a prática de caça e a pesca, já que, com a degradação ambiental, vão se tornando cada vez mais escassas. As famílias Guarani e Kaiowá se organizavam em torno das lideranças tradicionais porque elas eram as principais pessoas que conseguiam resolver muitos problemas que aconteciam em um grupo familiar e davam orientações importantes. Entretanto, a destruição dos tekoha enquanto espaços exclusivos dos grupos de famílias extensas ocasionou uma série de prejuízos sociais e culturais para a coletividade.

Mesmo a partir da criação das Reservas muitas famílias se recusaram a serem transferidas, assim muitas pessoas optaram por viver como peões nos fundos das fazendas, muitas delas instaladas em suas próprias terras tradicionais. Os Kaiowá e Guarani nunca conseguiram se adaptar à vida na Reserva, preferindo organizar, com o apoio dos líderes tradicionais, o retorno aos seus antigos territórios, recuperando os locais de onde foram expulsos ou acampando nas margens de estradas.

Percebemos que o distanciamento das lideranças políticas, principalmente os mais jovens, dos saberes tradicional e das orientações dos rezadores é uma questão que precisa ser discutida na comunidade, e a escola pode ter um papel relevante nesse sentido. Assim acreditamos que os professores e os acadêmicos indígenas podem, também, contribuir em levantar o debate em cada comunidade.

Ao finalizar, destacamos que só será possível manter a cultura indígena como os saberes, a língua, a reza, a dança, a arte, as histórias, a poesia, através dos rezadores, porque eles são as bibliotecas da comunidade e suas

rezas sempre foram e sempre serão primordiais na vida dos Kaiowá e dos Guarani.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIANA DA SILVA, M. (2005). O movimento dos Guarani e Kaiowá de reocupação e recuperação de seus territórios em Mato Grosso do Sul e a participação do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) – 1978-2001. (Dissertação de Mestrado) Programa de Mestrado em História da UFMS/UFMG, Campus de Dourados, 212 p.

BRAND, A. J. (1997). O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da palavra. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 382f.

\_\_\_\_\_. (1993). O confinamento e seu impacto sobre os Paí-Kaiowá. (Dissertação de Mestrado) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 274 f.

\_\_\_\_\_. (2000) Os Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul e o processo de confinamento: a “entrada dos nossos contrários”. In: CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO; Regional Mato Grosso do Sul; Comissão pró-indio de São Paulo; Ministério público Federal 3ª Região. “Conflitos de direitos sobre as terras Guarani e Kaiowá no estado de Mato Grosso do Sul”. p. 93-131. São Paulo: Palas Athena.

BENITES, T. (2014) Rojeroky hina ha roike jevy tekohape (Rezando e lutando): o movimento histórico dos Aty Guasu dos Ava Kaiowa e dos Ava Guarani pela recuperação de seus tekoha. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 270 f.

BENITES, T. (2009) A escola indígena na ótica dos Ava Kaiowá: impactos e interpretações indígenas. 2009. 106f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ.

COLMAN, R. S. (2007) Território e sustentabilidade: os Guarani e os Kaiowá de Yvy Katu. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Mestrado em Desenvolvimento Local.

\_\_\_\_\_. (2014). O processo de luta pela terra e a atuação dos ñanderu (lideranças religiosas) kaiowá e guarani em Mato Grosso do Sul. In: Eliane C. D. Fleck (Org.). História das Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul. Manifestações da Religiosidade Indígena. 1ed. São Paulo: Anpuh, v.3 p.129-152

\_\_\_\_\_. (2015). Guarani retã e mobilidade espacial guarani: belas caminhadas e processos de expulsão no território guarani, Campinas, SP. Tese de Doutorado.

IBGE. (2010). Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE.

MELIÀ, B. (1997). El Paraguay Inventado, CEPAG, Asunción. 134p.

\_\_\_\_\_. (2008). El pueblo guaraní: unidad y fragmentos, Mimeo, Assunción. 2008, 12 p.

PEREIRA, L.M.. (2004) Imagens Kaiowá do sistema social e seu entorno. 403f. Tese. (Doutorado em Antropologia) Programa de pós graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP.

\_\_\_\_\_. (1999), Parentesco e organização social Kaiowá. Dissertação de Mestrado, Universidade estadual de Campinas, Campinas, SP.

MARTINS, E. R. (2006) A Terra como chão sagrado e como valor cultural. Tellus / Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas-NEPPI, ano 6, n. 10, abril. Campo Grande: UCDB, p.143-145.

MARTINS, E. S. (2015) O papel das lideranças tradicionais na demarcação das terras indígenas Guarani e Kaiowá. Escritos Indígenas Tellus / Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas-NEPPI, ano 15, n. 29, jul./dez.